

VIVIANE SOUSA LIMA RIBEIRO DE OLIVEIRA

**DA NECESSIDADE CONVENCIONAL DA
IMPLEMENTAÇÃO DA INVESTIGAÇÃO
COM PERSPECTIVA DE GÊNERO**

**AS FERRAMENTAS RECONHECIDAS PELA CORTE
INTERAMERICANA E OS ESFORÇOS
ADOTADOS PELO BRASIL**

**EDITORA
CEI**

2023

Viviane Sousa Lima Ribeiro de Oliveira

**DA NECESSIDADE CONVENCIONAL DA
IMPLEMENTAÇÃO DA INVESTIGAÇÃO COM
PERSPECTIVA DE GÊNERO**

AS FERRAMENTAS RECONHECIDAS PELA CORTE
INTERAMERICANA E OS ESFORÇOS
ADOTADOS PELO BRASIL



2023

- Direitos autorais exclusivos para o Brasil na língua portuguesa.
- Copyright © 2023 by EDITORA CEI.
- www.editoracei.com
- Diagramação: Viviani Barbosa Costa
- Data de fechamento: 28/02/2023

OLIVEIRA, Viviane Sousa Lima Ribeiro de, Da necessidade convencional da implementação da investigação com perspectiva de gênero: as ferramentas reconhecidas pela Corte Interamericana e os esforços adotados pelo Brasil. Brasília/DF: CEI, 2023.

ISBN: 978-65-00-56139-5

*Há um tempo em que é preciso abandonar as roupas usadas ...
Que já têm a forma do nosso corpo ...
E esquecer os nossos caminhos que nos levam sempre aos
mesmos lugares ...*

*É o tempo da travessia ...
E se não ousarmos fazê-la ...
Teremos ficado ... para sempre ...
À margem de nós mesmos...*

Fernando Pessoa

*Ao Marcelo, minha pessoa no mundo.
A Duda e ao Victor, os meus melhores projetos.*

AGRADECIMENTOS

Esse trabalho é a concretização do sonho de estudar direitos humanos, graças à Nossa Senhora da Medalha Milagrosa que me inspirou nos momentos de dúvida. Pude me dedicar pelo período de um ano para assistir aulas e mais dois meses e meio de licença à capacitação para escrever, em virtude do meu trabalho como servidora no MPF que custeou essa pós. Como boa libriana que sou e do aguçado senso de justiça que possuo, sempre considerei o assunto mais interessante para mergulhar, até mesmo por não ser estritamente jurídico. Para que isso fosse possível muitos fatores concorreram, mas meu grande incentivador, orientador e companheiro foi mesmo meu marido Marcelo Ribeiro de Oliveira e é para ele que vão os meus mais sinceros agradecimentos. Se eu sou emoção, ele é razão e tem o dom de traduzir minha tempestade.

Minha filha Maria Eduarda é uma incentivadora nata e, por ela, eu já fiz a melhor monografia do mundo. Ela estuda com afeição sociologia, filosofia e tem dimensão da importância desse trabalho para o qual contribuiu ativamente conversando e trazendo dados como artigos e sites que debatem a violência contra a mulher. O mundo certamente tem uma voz ativa na pessoa dessa futura jornalista.

Meu filho Victor é um ótimo ouvinte e muito empático, já mostrando o #heforshe desde muito pequeno em suas ações na escola, lutando para que as meninas tivessem acesso às quadras de futebol em igualdade com os meninos. Com tão pouca idade e já tem um bom conhecimento do universo feminino e das demandas de gênero.

Agradeço aos meus pais, Almerindo Lourenço Lima e Aracy Sousa Lima, pela vida. Do meu pai trago os sonhos; da minha mãe a determinação e também a desconfiança necessária para viver nesse mundo. Tenho que agradecer em especial o suporte da minha mãe nesse período de estudos, pois como sempre ela me nutriu emocionalmente ao ouvir minhas questões do dia a dia e também das minhas comidas favoritas, demonstrando que está sempre ao meu lado nas minhas lutas.

Minha irmã Alciara Lima Cubo por sua vez é uma pessoa que

sempre acredita em mim, não importa o projeto. Nesse período todo manteve minha pele perfeita e ainda se preocupava com minha saúde emocional. Não posso deixar de mencionar meu cunhado Gustavo Rézio Cubo que dá o suporte necessário para que minha irmã viva seu empoderamento em sua plenitude.

Meu irmão Lívio Lourenço Moura de Sousa Lima é minha pessoa-conforto nesse mundo de coisas ruins, um guerreiro por um mundo melhor. Agora ainda trouxe uma ativista feminista para a família, Débora R. Lourenço Moura, a quem adoro e ainda por cima combate a violência doméstica com excelência em seu trabalho. Tudo vai se entrelaçando.

Honro ainda a linhagem feminina da minha família na pessoa da minha falecida avó materna, Amélia Tolentino de Sousa, que foi uma mulher que conheceu a desigualdade de gênero na pele e para ser alfabetizada precisou fugir do trabalho no campo para espiar a aula na escola mais próxima, pois o estudo só era permitido para os seus irmãos. Nesse contexto da força feminina da minha família, presto minhas homenagens para mais duas mulheres que são muito importantes no referencial de quem eu sou: minha tia Ana Néri de Sousa Tschiedel e minha prima-irmã Renata de Sousa Tschiedel.

Oportunamente, tenho que agradecer meu falecido avô materno que acreditou no estudo feminino ao trazer toda a sua família do Piauí e fazer questão de formar suas cinco filhas. Depois, contribuiu ativamente com os meus próprios estudos para que eu fosse sua “adevogada”.

Minha gratidão ainda aos meus sogros Waldemir Alves de Oliveira e Ivanda Maria Ribeiro de Oliveira que me acolheram e permitiram que eu pudesse exercer meus papéis de esposa, nora, mãe e servidora.

O meu muito obrigada aos meus sobrinhos e afilhados Heitor e Davi, meus amores. Também agradeço aos meus sobrinhos que me permitem expandir meu amor de mãe, Tarcísio e José Eduardo.

No ensejo, agradeço ainda uma colega de profissão que é uma amiga a quem admiro muito e que se formou tardiamente e que continua sua luta pessoal para obter sua OAB, vivendo a interseccionalidade

em todas as suas nuances: mulher, negra, mãe de três filhos, avó de um menino, mãe de 5 gatos, empregada doméstica desde os nove anos de idade, dona de casa que faz tudo sozinha. A ajuda da minha amiga Osinete Soares de Sousa da Silva, duas vezes por semana, foi de fato essencial para que eu pudesse estudar e escrever.

Nesse processo todo de estudo na pandemia do covid-19 que não foi nada fácil, vi a oportunidade de concretizar sonhos e nisso surgiram: Sheldon e Moana, nossos buldogues franceses. Eles trouxeram alegria para nossas vidas, transformaram nossa família em multiespécie e me deram uma dimensão do amor que não achei que fosse possível.

Agradeço ainda, agora academicamente, o professor Caio Paiva, que desde o início foi muito solícito no grupo do Telegram da pós e depois nos e-mails, sempre respondendo e dando dicas preciosas sobre o tema e de onde encontrar materiais.

Por fim, presto as minhas homenagens póstumas a minha prima Lidiane Oliveira Santos, vítima de feminicídio, na esperança de que esse trabalho possa colaborar para que a investigação com perspectiva de gênero seja implementada no Brasil e a família da vítima não tenha que experimentar o medo e o desconforto, quando infelizmente um assassinato brutal como o dela venha a ocorrer.

PREFÁCIO

Prefaciara uma obra literária ou um trabalho acadêmico é um misto de orgulho e honra para quem recebe essa missão do autor, mas também de enorme responsabilidade, pois essas breves linhas introdutórias têm a função de apresentar aos leitores o resultado de um projeto que se inicia pelo desejo de transformação e se concretiza com a publicação da obra, que tem existência própria, transcendente e transformadora.

Esse misto de sensações se fez presente quando recebi o convite da Viviane para prefaciara a conclusão do seu trabalho de pesquisa acadêmica, concretizado na destacada monografia intitulada “Da Necessidade Convencional da Implementação da Investigação com Perspectiva de Gênero. As ferramentas reconhecidas pela Corte Interamericana e os esforços adotados pelo Brasil”.

A autora, com muita sensibilidade em relação ao assunto, agradeceu a oportunidade de estudar, pesquisar, aprofundar-se e escrever sobre direitos humanos e diz que esta obra representa a realização de um sonho antigo.

No entanto, nós é que agradecemos a ela por compartilhar o resultado de uma pesquisa realizada com intensa consistência teórica e prática em um momento em que o mundo e, especialmente a América Latina e o Brasil, precisam discutir formas para enfrentar marcas sociais que registram fatores históricos e culturais estruturais em sociedades caracterizadas pela violência contra a mulher, em decorrência do machismo, do patriarcado e do racismo.

O resultado da pesquisa sobre a convencionalidade da investigação com perspectiva de gênero desenvolvida por Viviane é uma obra transformadora, pois veio ao mundo justamente quando mais precisamos discutir as causas, as consequências, e, principalmente, as medidas para enfrentamento, mudanças de paradigmas e superação desses graves problemas que impõem significativo atraso civilizatório ao Brasil e a outros países latino-americanos.

A violência contra a mulher em todos os cenários da sua vida é

uma realidade e uma mancha social nos Estados democráticos que celebram a igualdade formal entre os gêneros, mas não conseguem implementar essa igualdade na realidade da vida de milhões de mulheres na América Latina, que sofrem abusos e violências como formas de opressão e manutenção do poder patriarcal.

A autora nos apresenta nesta obra um caminho traçado com muita acuidade, sem deixar nenhuma ponta solta, pois, a mesma metáfora que ela utiliza em uma passagem do texto, ao se referir ao trabalho “Tecendo Fios”, Viviane pratica na construção teórica e na discussão dos problemas, como uma “costura” de informações e dados coletados, que resulta numa elaboração muito consistente de informações sobre a evolução dos direitos de igualdade de gênero no ordenamento jurídico interno do Brasil e de outros países, a situação de violência e discriminação da mulher nos países latino-americanos e o reflexo da disfunção estrutural dessas sociedades na deficiente atuação estatal em situações de violência de gênero.

A autora desenvolve uma análise cronológica e evolutiva dos julgamentos da Corte Interamericana de Direitos Humanos em casos emblemáticos de violações de direitos humanos em razão da ação ou omissão dos Estados para prevenir, enfrentar e punir crimes praticados contra mulheres na perspectiva de gênero, os quais compara à realidade brasileira, discute a evolução jurisprudencial da Corte IDH nessa temática, os precedentes da Suprema Corte Brasileira sobre a integração dos Tratados e Acordos de que o Brasil é signatário na matéria de direitos humanos e a inconveniência pela inexistência, no Brasil e em outros países latino-americanos, de protocolos para investigação com perspectiva de gênero.

Este é o ponto central e absolutamente relevante da pesquisa acadêmica, que nos revela um modelo disruptivo para romper a barreira da ineficiência dos Estados na efetiva tutela dos direitos femininos, principalmente nos casos de violência física, sexual, moral, psicológica e econômica a que são submetidas as mulheres, com maior intensidade as mulheres negras e as transexuais.

A situação de inconveniência, verificada pela análise sis-

temática da integração entre os Tratados de Direitos Humanos, os julgados e precedentes da Corte Interamericana de Direitos Humanos e o ordenamento jurídico interno dos países submetidos à jurisdição dessa Corte, não necessariamente deverá resultar de uma condenação específica do Brasil pela Corte.

E, nessa perspectiva, a autora analisa o precedente do caso do México, que foi condenado pela Corte Interamericana em 2010 a desenvolver um protocolo de investigação com perspectiva de gênero, tendo como parâmetro o “Protocolo de Istambul e as Diretrizes da Organização Mundial da Saúde, e que, em 2021, elaborou o protocolo para *“Julgar com Perspectiva de Género”*”.

E também a situação do Brasil, onde o Conselho Nacional de Justiça (CNJ), também em 2021, publicou o documento intitulado “Protocolo para Julgamento com Perspectiva de Gênero”. Em 2022, o CNJ determinou ao Poder Judiciário Brasileiro, por meio de recomendação, a adoção do “Protocolo para Julgamento na Perspectiva de Gênero”.

Essas medidas representam significativo avanço. Assim como a legislação brasileira que já conta com um sistema legal de tutela dos direitos femininos no campo do direito penal, civil e político-eleitoral. Mas os índices de violência contra a mulher nos espaços privados e públicos são altíssimos e estão em descompasso com a legislação. A participação feminina nas esferas de representatividade política e decisória no Brasil ainda é muito aquém da quantidade de mulheres em nossa população, de mulheres eleitoras e de mulheres filiadas a partidos públicos.

Não há uma única resposta a esse problema e a pesquisa acadêmica de Viviane nos mostra isso. No entanto, há um caminho que precisa ser percorrido e que aponta pela premente necessidade de o Estado brasileiro desenvolver um protocolo de investigação das violações dos direitos femininos na perspectiva de gênero.

O protocolo de atuação do Poder Judiciário no julgamento de processos na perspectiva de gênero é um passo extremamente importante. Mas é preciso, como bem pontua a autora, primeiramente sanar uma falha operacional do sistema, que ocorre justamente no momento

mais importante do contato da vítima, da sua família e da sociedade com o Estado, que é o da notícia do crime e da investigação que vai se desenvolver a partir daí.

Se não houver uma investigação adequada, isenta das graves falhas estruturais apresentadas pela autora nos diversos casos analisados, muitas vezes resultantes do preconceito dos agentes de investigação, de graves omissões, de falhas operacionais na coleta da prova, da revitimização, do julgamento moral da vítima, da conivência do aparato policial com os agressores, haverá uma deficiente atuação do Estado na persecução criminal.

A leitura deste trabalho me revelou caminhos ainda não pensados ou discutidos para avançarmos na pauta afirmativa dos direitos femininos. E é com imensa satisfação e alegria que compartilho esse desejo de mudança e transformação e agradeço a minha amiga Viviane Sousa Lima Ribeiro de Oliveira, uma pesquisadora de excelência, por nos proporcionar esta obra tão significativa e relevante no cenário nacional e mundial.

*Dra. Raquel Branquinho Pimenta Mamede Nascimento
Procuradora Regional da República
Coordenadora do Grupo de Trabalho de Enfrentamento
à Violência Política de Gênero
da Procuradoria-Geral Eleitoral*